

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA MEDIADA POR METODOLOGIAS ATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA PAUTADA EM OFICINAS PEDAGÓGICAS

Samara Anselmo de Albuquerque¹
Ana Carla Ribeiro da Silva²
Juliana Nóbrega de Almeida³

RESUMO

Tornar o processo de ensino-aprendizagem atrativo é um dos maiores desafios do século XXI, para isso, é indispensável que os profissionais da educação alicerce suas práticas em processos formativos que prezem pela reflexão, buscando metodologias de ensino que favoreçam a construção significativa da aprendizagem. Visando esta conjuntura, o presente artigo busca demonstrar a importância das metodologias ativas para a construção da educação geográfica, bem como relatar experiências e práticas didáticas centradas em oficinas pedagógicas. Somando-se a isto, trata-se de uma pesquisa participativa de abordagem qualitativa, uma vez que, pesquisador e participantes estabeleceram uma relação comunicativa. Diante disso, as vivências foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antenor Navarro, localizada na cidade de Guarabira-PB, nas turmas do 7º ano “A” e 1ª série do Ensino Médio, em conjunto com o projeto de extensão intitulado “Geografia da Inclusão: vivência, ensino e aprendizagem num processo de construção entre escola e universidade”. No tocante, às ações didáticas se configuravam em aulas teóricas e reflexivas seguidas de oficinas pedagógicas, a partir disso, construímos murais, mapas táteis, gráficos e recursos didáticos com base em materiais recicláveis. Como resultados, averiguamos a incansável incumbência do professor em instrumentalizar seus saberes e adequá-los à realidade demandada pelos alunos e/ou turma, os desafios da escola pública, a heterogeneidade dos alunos e a empolgação dos estudantes em vivenciar situações de aprendizagem diversificadas. Além disso, reconhecemos que não existe fórmula mágica para ensinar nem tampouco uma técnica pré-estabelecida, o processo de ensino aprendizagem é particular, bem como as estratégias que podem ser utilizadas para favorecer a aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Geográfica; Metodologias ativas; Oficinas pedagógicas; Aprendizagem significativa.

INTRODUÇÃO

Despertar o interesse dos estudantes em sala de aula é uma tarefa complexa, repleta de desafios e limitações. Esta construção envolve o interesse dos alunos, a sua interação nas aulas, a motivação do professor em ensinar, o uso de metodologias adequadas e, sobretudo, a aproximação entre os conteúdos curriculares e a realidade vivenciada. Todavia, como um elemento que dificulta este processo, a Educação, em todos os níveis e modalidades, está

¹Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CH; Integrante do Grupo de Pesquisa Saberes da Educação Geográfica GPSEG/UEPB; samaraalbuquerque10@gmail.com.

²Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CH, anacarlaribeiro733@gmail.com.

³ Professor orientador: Doutora em Geografia pelo PPGEU/UFPE; Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CH; Líder do Grupo de Pesquisa Saberes da Educação Geográfica GPSEG/UEPB; julianageo2020@servidor.uepb.edu.br.

enraizada em ensinamentos mecanizados, o que prejudica o desenvolvimento eficaz do processo de ensino-aprendizagem e a construção significativa do saber.

Na Geografia este cenário não é diferente, pesquisadores como Vesentini (2004) e Pessoa (2008) evidenciam que esta disciplina foi construída ao longo de sua história de forma obsoleta, marcada pelo caráter enciclopédico e sem nenhuma preocupação de formar cidadãos críticos. Sendo assim, um estudo puramente descritivo, que se resumia a decorar os nomes das principais formas de relevo, rios e capitais. Por estas razões, o ensino de Geografia é estereotipado a séculos como algo enfadonho e tipicamente desinteressante, uma vez que, não contempla a realidade vivenciada, nem tão pouco é um significativo para a vida dos estudantes.

Mediante essas premissas, como ensinar Geografia de forma atrativa? Como instigar os alunos a aprenderem? Como propiciar o desenvolvimento do raciocínio geográfico e do pensamento espacial? Embora o paradigma histórico de fragmentação, o professor de Geografia deve conhecer as especificidades de sua ciência, desconstruído as facetas do tradicionalismo e valorizando o entendimento do espaço geográfico como extensão humana e física, bem como o papel ideológico dessa ciência para a sociedade (Lima; Vlach, 2002).

Um dos maiores desafios que movem a docência no século XXI é tornar o processo de ensino-aprendizagem atrativo, de modo que, os assuntos estudados façam sentido fora da sala de aula. Para isso, é indispensável que os profissionais da educação alicerce suas práxis em processos formativos que prezem pela reflexão, buscando metodologias perspicazes que fujam do habitual tradicionalismo. Deste modo, o professor deve ser, acima de tudo, um criador de possibilidades, que ao invés de seguir receitas utiliza suas experiências para gerir suas práticas e torná-las mais autônomas (Tardif; Moscoso, 2018) e por sua vez significantes.

Sob este enfoque, acreditamos que os procedimentos didático-pedagógicos que partem da realidade são a chave para o desenvolvimento do ensino, sendo um elemento decisivo para construção da aprendizagem. Em razão disso, o presente artigo busca demonstrar a importância das metodologias ativas para a construção da educação geográfica, bem como relatar experiências e práticas didáticas centradas em oficinas pedagógicas. Uma forma de ensinar-aprender que envolve a interação entre o agir, o pensar e o sentir por meio de ações que buscam aproximar a escola da realidade social (Vieira; Volquind, 1996).

Para tanto, este trabalho é fruto de experiências vivenciadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antenor Navarro, localizada na cidade de Guarabira-PB, nas turmas do 7º ano “A” do Ensino Fundamental Anos Finais e na 1ª série do Ensino Médio, no ano de 2022. Além disso, as ações pedagógicas relatadas ao longo do texto foram realizadas em consonância com o projeto de extensão intitulado “Geografia da Inclusão: vivência, ensino

e aprendizagem num processo de construção entre escola e universidade”, o qual tinha como objetivo central o alicerce da inclusão como ação mediadora do saber/fazer do professor de Geografia, com ênfase ao ensino e aprendizagem das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista –TEA e Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH. Segundo Almeida *et. al* (2022) este projeto de extensão rendeu frutos positivos para a formação inicial dos futuros professores, sobretudo, por meio da parceria entre escola e universidade, as quais juntas podem cooperar para uma educação mais reflexiva e inclusiva.

Desde modo, com base nestes pressupostos, foram desenvolvidas ações que buscaram contribuir tanto com a construção da Educação Geográfica como cooperar com a inclusão, visando a edificação de um olhar consciente e protagonista dos alunos. Vale destacar ainda, que o campo de atuação (a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antenor Navarro) foi escolhido de forma estratégica, uma vez que, atende mais de 70 alunos com alguma dificuldade de aprendizagem, deficiências ou transtornos globais. E é sede do serviço de referência a inclusão da pessoa com deficiência, um projeto do Polo Seri em parceria com a FUNAD, sendo a referência de ensino da região para alunos com necessidades especiais.

Neste contexto, levando em consideração a brilhante parceria entre a escola e a universidade relatada neste artigo, destacamos a importância em realizar projetos de extensão no lócus escolar, sobretudo na área da licenciatura, visando elevar a qualidade da formação dos futuros professores. Reflexivos a esta questão, Almeida *et. al* (2022) evidencia a extensão como elemento articulador da formação do professor de Geografia, podendo ser utilizado como peça crucial para aprofundarmos o ensino e a pesquisa, especialmente, devido à singularidade de vivência que a extensão proporciona aos seus participantes. Portanto é uma ação que corrobora com a edificação da práxis docente e do seu saber-fazer.

METODOLOGIA

Como previamente destacado, esta pesquisa foi construída a partir de experiências pedagógicas vivenciadas no projeto de extensão “Geografia da Inclusão: vivência, ensino e aprendizagem num processo de construção entre escola e universidade”, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antenor Navarro, nas turmas do 7º ano “A” do Ensino Fundamental Anos Finais e na 1ª série do Ensino Médio, no ano de 2022. Este projeto foi conduzido por graduandos do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba/Campus III, sendo três bolsistas e seis voluntários e coordenado por dois professores universitários do campus. Além disso, foi auxiliado pelas duas professoras de Geografia da escola, sendo uma do Ensino Fundamental e a outra do Ensino Médio, e pelo gestor escolar.

Nesta ocasião, o método de ensino utilizado se pautava em projetos de intervenções, os quais eram divididos em dois momentos. O primeiro dedicado a uma abordagem mais teórica, conceitual, dialógica e reflexiva, seguida, posteriormente, de uma oficina de caráter prático. De modo que, cada intervenção, em geral, era realizada em dois encontros, distribuídos em duas semanas seguidas. A partir disso, foram utilizados múltiplos recursos, desde materiais lúdicos, pedagógicos e recicláveis a instrumentos tecnológicos.

Outrossim, no que tange os processos metodológicos, o presente trabalho permeia pelo campo da pesquisa participante, sendo “[...] aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, de suas atividades” (Severino, 2007, p. 120). Deste modo, é uma tipologia de pesquisa de cunho social que estabelece uma relação entre teoria e prática (Brandão, 1987). Além disso, está alinhada aos pressupostos da pesquisa qualitativa, uma vez que trabalha com o universo de sentidos e questões particulares da realidade que não podem ser quantificadas (Minayo, 1994).

Neste contexto, nos fundamentamos teoricamente em autores como Morais e Castellar (2018), Callai (2011), Bacich e Moran (2018) e outros que discutem o ensino de Geografia e alternativas metodológicas. E assim, mediante o alicerce em metodologias ativas, buscou-se verificar a aplicabilidade das oficinas pedagógicas no ensino de Geografia.

A IMPORTÂNCIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO

Deve atentar-se, que apesar das recentes discussões, as concepções que sustentam as metodologias ativas surgem no contexto da Escola Nova, efetivada no Brasil pelo Movimento dos Pioneiros pela Educação (1932). Nesse contexto, a inserção das metodologias ativas no ensino é o convite para que os alunos rompam a barreira de meros ouvintes, os tornando contribuidores e construtores do seu próprio saber. É assim um processo gradativo que se desenvolve em concordância com as práticas docentes ao tornarem suas salas de aula mais instigantes. Nesse sentido, cabe destacar:

Por Metodologia Ativa entendemos todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula (Pereira, 2012, p. 6).

Sendo assim, em geral, abordagens significativas que fogem do tradicionalismo da educação bancária, a qual enxerga o aluno como um mero recipiente a ser exigido por meio do conhecimento transmitido pelos professores (Freire, 2021). Vale salientar, no entanto, que o

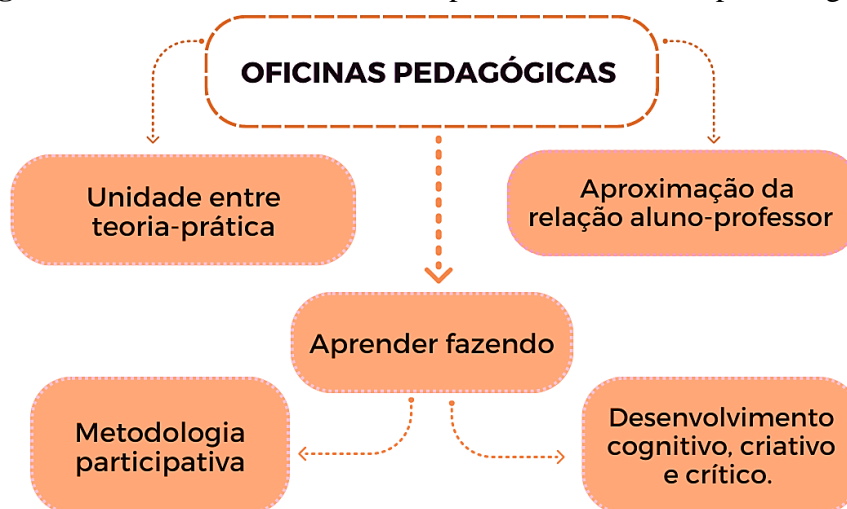
uso de metodologias ativas, por si e sozinhas, não preenchem todas as lacunas metodológicas, nem tão pouco garantem o sucesso da aprendizagem (Morais; Castellar, 2018). Logo, é preciso empregá-las de maneira estratégica, em concordância com os objetivos almejados. Todavia, para isso, o professor deve conhecer as várias possibilidades de ensino ativo e seus usos para assim as explorar de forma contextualizada.

Por estes encaminhamentos evidenciamos que existe uma multiplicidade de estratégias didáticas que podem ser categorizadas como metodologias ativas: a imersão aos projetos, a utilização do modelo de ensino da sala de aula invertida, por meio de estudos do meio, pela manipulação de jogos eletrônicos (gamificação), oficinas e outras linguagens alternativas como o uso de músicas/vídeos, charges, gibis, quadrinhos e poesias. Entre elas estão as oficinas pedagógicas, uma alternativa metodológica que pode ser adotada pelo professor para tornar o processo de ensino-aprendizagem um momento perspicaz e significativo.

AS OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

As oficinas pedagógicas são uma metodologia de ensino que estimula a aprendizagem por meio do fazer criativo. De modo que, diferente de uma abordagem “técnica ou instrumental, realizar oficina significa agir em sintonia com os alunos, tornando-se um aprendiz com eles” (Vieira; Volquind, p. 5, 1996), rompendo com estigma do tradicionalismo. Deste modo, as oficinas podem ser caracterizadas como uma prática de caráter significativo, uma vez que, são ações didáticas que estimulam a construção reflexiva, a interação entre aluno-professor e a associação entre os conteúdos curriculares e a realidade social. Cabe assim, destacar alguns benefícios das oficinas no processo de ensino-aprendizagem (figura 1):

Figura 1: Benefícios das oficinas no processo de ensino-aprendizagem



Fonte: Elaborado em analogia aos apontamentos de Vieira e Volquind (1996).

Segundo Vieira e Volquind (1996), entre os benefícios de trabalhar com oficinas está a possibilidade de aprender fazendo, a vantagem de ser uma metodologia participativa que parte da realidade, promovendo a curiosidade dos estudantes, a aproximação da relação aluno-professor e o desenvolvimento cognitivo por meio das problematizações e desafios. Ainda em analogia aos apontamentos das autoras, o trabalho com oficinas deve integrar três instâncias: o pensar, o sentir e o agir, os quais quando equilibrado de forma harmônica promove a unidade entre a prática e a teoria em sala de aula.

Estes princípios são fundamentais para a construção significativa das temáticas geográficas, uma vez que, ultrapassa a memorização enciclopédica atribuída à Geografia. Deste modo, diferente do habitual, o trabalho com metodologias ativas, especialmente com as oficinas, promove, em geral, o encantamento e interação dos alunos no processo de aprendizagem, sendo elementos fundamentais para a edificação da educação geográfica.

Educação geográfica significa, então, transpor a linha de simplesmente, obter informações para realização de aprendizagens significativas envolvendo/utilizando os instrumentos para fazer a análise geográfica. Considera-se, portanto que entender a sociedade a partir da espacialização dos seus fenômenos pode ser uma contribuição para a construção da cidadania (Callai, 2011, p. 02).

Diante do exposto, a educação geográfica sobressai a ideia de decorar nomes de rios e as capitais do país, ultrapassa a lógica da reprodução do livro didático e dos exercícios mnemônicos. Neste contexto, educar geograficamente é estudar os conteúdos curriculares de forma que tenha sentido, é atribuir significado mediante a realidade vivenciada, é compreender a espacialização dos fenômenos na sociedade e as suas implicações no lugar vivido. Para assim, de fato, corroborar com a expansão do espírito crítico e a formação de cidadãos conscientes. Neste contexto, é possível ter um ensino significativo? Essas práticas pedagógicas são viáveis no ensino público? Como trabalhar com metodologias ativas diante das demandas do ser professor? No item seguinte detalharemos essas inquietações com base em nossas experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antenor Navarro (figura 1) está localizada na cidade de Guarabira-PB, a aproximadamente 98,6 km da capital João Pessoa, situada, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na Região Geográfica Intermediária de João Pessoa e na Região Geográfica Imediata de Guarabira (IBGE, 2017). E funciona nos três turnos, contemplando o fundamental anos finais - (6º ano a 9º ano), Ensino Médio, a EJA e o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Além de ser sede do serviço

de referência a inclusão da pessoa com deficiência, um projeto do Polo Seri em parceria com a FUNAD, consentindo formação em libras para dezenas de pessoas da região.

Figura 2: Fachada da Escola Antenor Navarro



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

No que concerne às práticas pedagógicas desenvolvidas, elas ocorreram no 7º ano “A” (ensino fundamental – anos finais) e a 1ª série “A” (ensino médio), ambas no turno matutino. Cabe assim destacar, que as turmas foram sugeridas pelas professoras, pois eram as salas que possuíam diversos alunos neurodivergentes. Nesta perspectiva, as estratégias de ensino pautadas em oficinas pedagógicas foram escolhidas de forma estratégica, sendo uma forma de ensinar mais humanizada, que dá espaço para que os alunos pensem, falem e construam. (Vieira; Volquind, 1996). Por isso, uma abordagem lúdica que estimula a aprendizagem por meio de ações criativas, as quais são essenciais para o desenvolvimento cognitivo de toda criança e adolescente, inclusive, para os que apresentam algum tipo de deficiência.

Neste sentido, visando fortalecer a construção da Educação Geográfica realizamos cinco intervenções, sendo duas no 7º ano “A” e três na 1ª série “A” do Ensino Médio, as quais foram subdivididas em dois momentos. No primeiro abordamos a temática de forma teórica e reflexiva, buscando sempre as inter-relacionar com a realidade social, e no segundo momento, realizamos uma atividade prática em formato de oficina. Nesta ocasião, os alunos eram incentivados a construir um produto que materializasse, de maneira significativa, as temáticas estudadas. Em razão disso, cada intervenção, em geral, durava duas semanas.

Deste modo, no que concerne às aulas teóricas, utilizamos recursos variados como charges, músicas, imagens e materiais didáticos. Adverte-se, no entanto, que apesar do potencial das ferramentas tecnológicas para tornar a aula atrativa, os materiais utilizados para a construção das aulas eram sempre levados de forma impressa (salve as músicas que também eram reproduzidas por caixa de som e/ou pela TV) e registrado na lousa. Vale ressaltar, que não tínhamos a disposição um Datashow e nem *Wi-fi* livre para explorar alguma plataforma ou

pesquisa online. Então, torna-se relevante as práticas pedagógicas desenvolvidas e as respectivas temáticas exploradas, as quais podem ser observadas a seguir:

Quadro 1: Síntese das intervenções pedagógicas desenvolvidas

| 7 ANO “A” | | 1º SÉRIE DO ENSINO MÉDIO | |
|----------------------|--------------------------|--|--|
| TEMÁTICA | OFICINA | TEMÁTICA | OFICINA |
| As Regiões do Brasil | Construção de mapa tátil | Cidadania e Educação: seu lugar no mundo | Construção de mural |
| Região Nordeste | Construção de cartazes | O papel da população: diversidade, conceitos, singularidades e o espaço geográfico a partir do censo do IBGE | Construção de gráficos |
| | | | Jogo de passa ou repassa |
| | | Impactos ambientais | Pintura de tela (base de material descartável) |

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

Em termos gerais, o 7 “A” era uma turma relativamente grande, o que em alguns momentos atrasou a realização das atividades, mas era uma turma bem participativa e questionadora. Com eles, desenvolvemos duas intervenções: uma sobre as Regiões Brasileiras e a outra com ênfase na Região Nordeste. Neste contexto, na primeira oficina propomos um quebra cabeça das regiões, para isso, dividimos a turma em cinco grupos e cada um ficou responsável pela confecção de uma região, montando no final um mapa tátil das Regiões Brasileiras. Nesta ocasião, foram utilizados materiais em diferentes cores e texturas como E.V.A, papel crepom, tampinha de garrafa pet e cartolina. Sendo assim, uma estratégia didática-pedagógica que tanto permitia a compreensão de pessoas com baixa visão e/ou deficiência visual, como uma atividade que chamou a atenção dos alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e TDAH (Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Outrossim, a segunda oficina do 7º ano “A” foi confeccionar um cartaz de acordo com aspectos culturais do Nordeste, culinária, danças, instrumentos e ritmos musicais, letra de uma música, biografia de um artista conterrâneo, poesia e pontos turísticos. Nestas atividades a turma também foi dividida em grupos e cada um construiu um cartaz mediante o aspecto escolhido. Para isso foi utilizado cartolina, imagens impressas, canetas hidrocor coloridas, canetas permanentes, tesoura, cola, coleção e muita criatividade. Vale ainda destacar, que essa

ação foi mais demorada e superou o tempo planejado (45 min), sendo estendida e retomada na próxima semana para finalização.

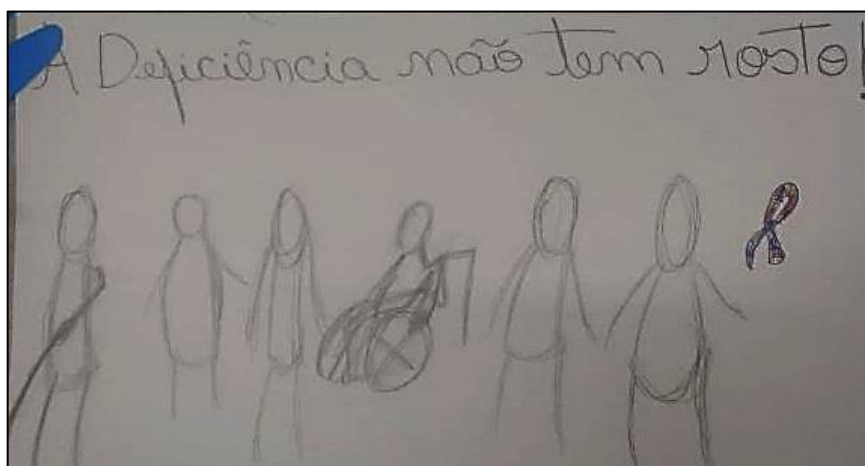
Figura 3: Oficinas desenvolvidas no 7º ano “A”



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Além disso, no que tange as intervenções na 1ª série do Ensino Médio, a primeira abarcou o conteúdo de Cidadania, com ênfase na inclusão. Neste contexto, usamos como recursos metodológicos a análise da canção cidadão de Zé Ramalho e uma charge, para promover maior participação dos alunos. Posteriormente, como forma de oficina propomos a construção de uma árvore dos direitos cidadãos. Para isso, os alunos utilizaram cartolina colorida e cada um desenhou sua mão, recortou, escreveu um direito na parte central e as colaram no painel. Ademais, para complementá-lo, os alunos se dividiram em grupos e expressaram por meio de desenhos ou frases em alusão aos grupos sociais mais oprimidos, como: idosos, a mulher, movimento LGBTQie+, pessoas com deficiências físicas ou mentais, transtornos e outros. Nesta ação, tivemos resultados exitosos (figura 2) e a partir destes, observamos que realmente proporcionamos a reflexão e concomitantemente a aprendizagem.

Figura 4: Produto da primeira oficina desenvolvida na 1ª série do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ademais, na segunda intervenção, abordamos a temática da população: o papel da população, a diversidade, seus conceitos, suas singularidades e o espaço geográfico a partir do censo do IBGE. A partir disso, utilizamos como recurso didático a análise de gráficos, tabelas e por fim aplicamos um questionário com perguntas básicas do cotidiano. E na semana seguinte, realizamos a oficina, onde os alunos construíram gráficos de barra com base nos seus próprios dados, obtidos no questionário. Com isso, refletimos a importância das pesquisas estatísticas e do censo 2022, já que, estávamos vivenciando o período de recenseamento.

No mais, devido a amplitude da temática e os conceitos que envolvem a população, propomos aos alunos um estudo prévio e na semana seguinte realizamos um jogo de passa e repassa. Para isso, dividimos a turma em dois grupos, elegemos o líder de cada um e começamos o jogo, e cabe destacar que o erro da questão representava apenas perda de pontuação. Assim, os alunos expressaram gosto pela atividade proposta, respondendo todas as perguntas com muito apreço, atenção e interação, demonstrando o domínio sobre os conteúdos e a assiduidade em participar. E embora a pontuação atribuída aos grupos, no final, todos foram premiados.

Outrossim, a última intervenção da 1ª série enfatizou os impactos ambientais. Nesta ocasião, usamos como recurso didático a música “O sertão vai virar mar”, de Sérgio Ricardo, além de imagens da poluição industrial, dos esgotos e lixões a céu aberto. E a partir disso levantamos questionamentos e alguns alunos destacaram situações do seu dia-a-dia, como trechos da cidade de maior poluição, acúmulo de lixo em lugares inadequados e outras situações presentes na sua realidade. Com isso, observamos o quanto é importante a aproximação do conteúdo à escala local para cativar a participação do alunado durante a aula e, consecutivamente, dar significado e utilidade ao conhecimento. No mais, seguindo o formato de oficina, dividimos a turma em grupos e propomos a pintura de telas com e sem cenários de poluição. Para isso, os alunos utilizaram caixas de pizza recicláveis como tela, tinta guache, pincel e muita criatividade, e assim fizeram verdadeiras obras de arte.

Figura 5: Oficinas desenvolvidas na 1ª série do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Nesse sentido, é imprescindível destacar a empolgação de todos os envolvidos. O brilho no olhar dos alunos em vivenciar momentos de descontração no ambiente escolar, aprendendo Geografia além das paredes enrijecidas da sala de aula. Os feedbacks externalizados foram múltiplos, inclusive, expressados a partir de narrativas dos próprios discentes, os quais, unanimemente, apresentaram apenas efeitos positivos, tais como: o anseio para as semanas de oficinas, a presença de novos professores, novas formas de aprender e ensinar e, sobretudo, o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas. Além disso, outro elemento marcante foram as discussões acerca da inclusão, especialmente, na escola referência que conta com um percentual significativo de alunos com deficiência e/ou transtornos globais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com metodologias ativas na educação básica, sobretudo, no ensino público não é fácil, nem tão pouco um processo simplista. Essas ações demandam tempo, planejamento e dedicação. Não se trata de todas as aulas serem diferentes, mas mesclar as ações didáticas a fim de promover algo diferente do instrucionais que vem sendo transmitido. O básico faz a diferença e a semente boa, plantada em terra fértil germinará frutos.

As metodologias ativas quando aplicadas de forma e ao público adequado, nutrem o ensino de melhorias, tanto em termos de qualidade de ensino-aprendizagem, significação das temáticas de cunho teórico como para o desenvolvimento sócio-crítico, possibilitando o gradativo desvendamento do mundo e de suas inúmeras ocultações.

Além disso, constatamos a incansável demanda do ser professor, seus dilemas sociais, a dupla/tripla jornada de trabalho, a desvalorização salarial e a heterogeneidade dos alunos. o processo de ensino-aprendizagem é desafiador, vamos trilhar um caminho árduo, contudo, avante na busca do ensino significativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. N.; SOUZA, R. S.; RÊGO, L. C. P.; MAXIMINO, J. S.; ANDRADE, A. B. Geografia da Inclusão: a extensão como elemento articulador da formação do professor de Geografia. In: SANTOS, F. K. S.; BOTÊNHO, L. A. V.; SANTOS, M. F. (Org) **Educação geográfica, cultura escolar e inovação para além dos "muros"**. Recife-PE: Edições Legep/UFPE, 2022, p. 331-319. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1147022/4179590/E-book_VI+EPEG+Atualizado1.pdf/dd1b03f9-7967-4f27-86b2-fec4a1a3892a. Acesso em: 7 Ago. 2023.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018.

- BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CALLAI, H. C. O Conhecimento Geográfico e a Formação do Professor de Geografia. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47 E, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 77. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- LIMA, M. H.; VLACH, V. R. Geografia escolar: relações e representações da prática social. **Caminhos de Geografia**. v.3, n. 5, 2002, p. 44-51.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORAES, J. V.; CASTELLAR, S. M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.
- PEREIRA, R. Método Ativo: Técnicas de Problematização da Realidade aplicada à Educação Básica e ao Ensino Superior. In: **VI Colóquio internacional. Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão, SE. 20 a 22 setembro de 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10116/47/46.pdf>. Acesso em: 07 Agos. 2023.
- PESSOA, R B. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. 130p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TARDIF, M.; MOSCOSO, J. N. A Noção de “Profissional Reflexivo” na Educação: atualidade, usos e limites. **Caderno de pesquisa**. v. 48, n. 168, 2018, p. 388-411.
- VESENTINI, J. W. Realidade e perspectivas no ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 219-248.
- VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: o quê? por quê? Como?**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.